

A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo

The evolution of the concept of null subject parameter

Victor VERÍSSIMO (Unicamp)
verissimorum@gmail.com

VERÍSSIMO, Victor. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 76-90, jan./jun. 2017.

Resumo: Este artigo de revisão de literatura tem como objetivo trazer um panorama a respeito do conceito de parâmetro do sujeito nulo em momentos distintos dos estudos gerativistas: a introdução desse conceito no âmbito da teoria de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981); as reflexões trazidas pelas investigações de Nicolis (2008) com línguas crioulas e, finalmente, a noção de múltiplas marcações do parâmetro *pro-drop* proposta por Holmberg e Roberts (2009) já dentro do Programa Minimalista. Foi feita também uma explanação a respeito do *status* atual do parâmetro do sujeito no português brasileiro (PB) a fim de demonstrar o quanto a possibilidade de “sistemas mistos” já apontada por Chomsky (1981) parece explicar a natureza distinta do sujeito nulo no português brasileiro se comparado à variedade europeia (PE).

Palavras-chave: Sujeito nulo. Línguas crioulas. Português brasileiro.

Abstract: This bibliographic review aims to provide an overview about the concept of null subject parameter at different moments of generative studies: the introduction of this concept within the scope of the theory of Government and Binding (CHOMSKY, 1981); The reflections brought by the investigations of Nicolis (2008) with creole languages and, finally, the notion of multiple markings of the pro-drop parameter proposed by Holmberg and Roberts (2009) already within the Minimalist Program. An explanation was also made regarding the current status of the subject parameter in Brazilian Portuguese (BP) in order to demonstrate how the possibility of “mixed systems” already pointed out by Chomsky (1981) seems to explain the distinct nature of the null subject in Portuguese compared to the European variety (EP).

Keywords: Null subject. Creole languages. Brazilian portuguese.

Introdução

A *grosso modo*, podemos definir o sujeito nulo como uma interpretação de sujeitos referenciais (*i.e.* definidos) em sentenças finitas e declarativas nas quais um pronome, sintagma nominal ou expressão referencial não estariam realizados foneticamente, com a posição de sujeito permanecendo vazia. O estudo dessa característica da sintaxe das línguas pode ser revelador, demonstrando possibilidades ligadas às formas como os falantes expressam e interpretam as sentenças geradas em determinado sistema linguístico.

Dentro dos estudos da Gramática Gerativa, a sintaxe do sujeito tornou-se emblemática a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros visto que a expressão do sujeito nas línguas do mundo fornece material abundante para estudos de natureza comparativa que são, por excelência, as bases dessa teoria que busca regularidades e previsibilidades no funcionamento das línguas.

Tendo como base o percurso histórico que o estudo da expressão do sujeito trilhou ao longo das últimas três décadas, trago uma revisão de literatura a partir de momentos cruciais da teoria: o surgimento da teoria em Chomsky (1981) descrito na primeira seção; estudos comparativos com línguas crioulas a partir de Nicolis (2008) numa segunda seção do trabalho; na terceira, delineio o atual “estado da arte” do parâmetro *pro-drop* a partir das múltiplas possibilidades apontadas por Holmberg e Roberts (2009) e, por fim, antes da conclusão, discorro sobre como o advento da ideia de línguas de sujeito nulo parcial pode explicar o comportamento aparentemente heterogêneo do português brasileiro.

O parâmetro *pro-drop* no âmbito da teoria da Regência e Ligação

O embrião da ideia de um parâmetro do sujeito nulo pode ser atribuído aos estudos de Perlmutter (1971 apud HOLMBERG & ROBERTS, 2009). Ao que parece, esse autor foi o primeiro a descrever, ainda que sem nomear explicitamente, uma espécie de princípio geral para explicar a existência de línguas naturais nas quais o sujeito poderia não ser realizado foneticamente, sem que isso comprometa a gramaticalidade das sentenças geradas. A proposta chomskiana em torno da noção de parâmetros veio somente após o estudo de Perlmutter, que não relacionou a sua teoria do sujeito nulo à natureza da concordância/flexão, discussão que se tornará bastante profícua alguns anos depois.

Formalmente, foi a partir das conferências de Pisa (CHOMSKY, 1981) que a teoria gerativa ganhou a primeira descrição do chamado parâmetro *pro-drop* e do seu feixe de propriedades ao comparar o italiano com o francês e o inglês. Na ocasião, a possibilidade de categorias vazias na posição de sujeito [_{NP} e] estava intimamente ligada à concordância (AGR) e à atribuição de caso. No entanto, Chomsky já admitia que poderiam existir sistemas “mistos” nos quais o feixe de propriedades das línguas *pro-drop* apontadas abaixo poderia não se manifestar completamente (CHOMSKY, 1981, p. 240). Vejamos exemplos das propriedades relacionadas ao parâmetro propostas nas conferências de Pisa:

- Omissão do sujeito:

- | | |
|--|------------|
| (1) _∅ Parli italiano bravamente | [Italiano] |
| (2) _∅ Hablas italiano muy bien | [Espanhol] |
| (3) _∅ Falas italiano muito bem | [PE] |

- Inversão livre do sujeito em sentenças simples:

- | | |
|--|------------|
| (4) Ha telefonato Carlo a il suo padre | [Italiano] |
| (5) Telefonou o Carlos ao seu pai | [PE] |

- Movimento “longo” de constituintes *wh-*:

- | | |
|---|------------|
| (6) Chi _i pensi che ___ _i viene alla festa? | [Italiano] |
| (7) Quem _i você acha que ___ _i vem à festa? | [PE/PB] |

- Pronomes resumitivos nulos em sentenças encaixadas:

- | | |
|---|------------|
| (8) Ecco la ragazza che mi domando che possa venire | [Italiano] |
| (9) Essa é a moça que acho que possa vir | [PE/PB] |

- Violação do filtro *that-t*:

(10) Chi_i crede che ____i partirà?

[Italiano]

(11) Quem_i você acha que ____i partirá?

[PE/PB]

As línguas não *pro-drop* do tipo francês-inglês não possuem nenhuma dessas características. No entanto, as possibilidades de sistemas mistos – ainda que não tenham sido bem desenvolvidas nas conferências de Pisa – demonstram que o parâmetro poderia ser mais complexo que a hipótese de uma simples binariedade defendida nesse trabalho de 1981. Chomsky aponta que línguas como o irlandês e hebraico, devido à natureza da flexão verbal das mesmas, poderiam não apresentar correlações absolutas a respeito dessas propriedades das línguas de sujeito nulo, mas sim uma “tendência” (1981, p. 241) para uma ou outra possibilidade do sistema. Essa ideia parece ter sido retomada somente três décadas depois, como veremos mais adiante.

Correlações entre as propriedades e estudos translinguísticos

Talvez uma das principais críticas que a teoria gerativa receba – e não sem certa razão – se dá ao fato das generalizações que são feitas tendo como base um número muitas vezes reduzido de línguas. No caso do parâmetro do sujeito nulo, as propriedades relacionadas ao parâmetro foram bem desenvolvidas pelo profundo estudo de Rizzi (1982) com o italiano, mas a “prova de fogo” seria se essas mesmas propriedades fossem atestadas translinguisticamente.

Esse foi o ponto de partida para o trabalho de Gilligan (1987), no qual uma análise de mais de 100 línguas pôde atestar de fato quais seriam as generalizações válidas a partir de correlações entre as propriedades. Abaixo podemos ver algumas das conclusões encontradas por Gilligan e que, na verdade, atestam que a única correlação absoluta seria a possibilidade de a livre inversão nas línguas permitir também a ausência do efeito *that-t*:

Tabela 1 - Correlações das propriedades do parâmetro do sujeito nulo em diversas línguas naturais

	YES-YES	YES-NO	NO-YES	NO-NO
<i>pro-obj</i> - <i>pro-obj</i>	24	0	15	2
<i>pro-obj</i> - Free Inversion	22	49	11	15
<i>pro-obj</i> - <i>that-t</i> ³	5	3	2	1
<i>pro-obj</i> - Free Inversion	14	25	1	1
<i>pro-obj</i> - <i>that-t</i>	7	2	0	1
Free Inversion - <i>that-t</i>	4	0	3	4

Fonte: Gilligan (1987)

Ainda na década de 80, com o trabalho de Huang (1984 apud HOLMBERG & ROBERTS, 2009) em torno de línguas orientais, a discussão se tornou mais complexa, visto que em várias línguas asiáticas não há flexão verbal, e ainda assim tais línguas admitem sujeito nulo. Pode-se observar que, mesmo dentro do contexto das línguas indo-europeias, há exemplos como o do alemão, que dispõe de uma morfologia verbal considerada rica, mas não permite sujeitos nulos referenciais, apesar de admiti-los em tipos sentenciais nas quais o inglês (língua próxima ao alemão) exige a presença de um expletivo¹.

Posteriormente, o parâmetro do sujeito nulo passou a ter mais consistência teórica e empírica, visto que, na medida em que mais línguas de origens diversas foram sendo analisadas (como vimos acima no trabalho de Gilligan), os dados começaram a revelar que o parâmetro do sujeito está relacionado a casos que vão além de uma simples marcação binária sobre a admissibilidade ou não de sujeitos nulos. Ou seja, o comportamento das línguas não se limitava ao licenciamento ou não de sujeitos nulos em contextos bem especificados, mas abarcava diferentes possibilidades que envolviam restrições em maior ou menor grau à expressão fonológica do sujeito. Tornou-se evidente que as propriedades demonstradas pelo sujeito nulo são determinadas por fatores gramaticais mais complexos, que não podem ser captados por uma simples binariedade nas opções.

Ainda na esteira do trabalho de Gilligan e sob o impacto dos questionamentos de Newmeyer (2004) a respeito da natureza dos parâmetros, Nicolis (2008) faz uma investigação a respeito das mesmas correlações apontadas por Rizzi (1982) ao analisar nove línguas crioulas e chega à conclusão de que, ao menos nessas línguas, a única correlação absoluta que se pode fazer é que a ausência do efeito *that-t* está relacionada à existência de expletivos nulos. Vejamos as línguas crioulas analisadas por Nicolis:

1 Como exemplo, Holmberg e Roberts (2009) citam a possibilidade de expletivos nulos no alemão quando os mesmos não são referenciais:

*Gestern wurde es getanzt

Yesterday was it danced (= ontem houve dança)

Gestern war es geschlossen

Yesterday it was closed (= ontem estava fechado)

Tabela 2 – Línguas crioulas e algumas características relacionadas ao parâmetro do sujeito nulo

	<i>pro-_{inf}</i>	<i>pro-_{af}</i>	Sub Inv	No <i>that-t</i>	Lexifier
Berber Dutch Creole	-	+	-	+	Dutch
Cape Verdean Creole	-	+	-	+	Portug.
Haitian Creole	-	+	-	-	French
Jamaican Creole (basilect)	-	+‡	-	(?)	English
Jamaican Creole (mesolect)	-	?	-	-	English
Kriyol	-	+	-	+	Portug.
Mauritian Creole	-	+	(?)	+	French
Papiamentu	-	+	-	+	Portug. Spanish (Dutch)
Saramaccan	-	+	(?)	+	Portug. Spanish

‡ Available in root clauses only.

Fonte: Nicolis (2008)

Ainda sem a descrição dos subtipos *pro-drop* proposta um ano depois por Holmberg e Roberts (2009), Nicolis afirma que esse quadro de características acima demonstra que as línguas crioulas seriam “parcialmente” de sujeito nulo, ou seja, não apresentam a totalidade das propriedades – por exemplo os sujeitos nulos referenciais em (12)–(14) e ausência de inversão livre do sujeito em (15)–(16) – mas ainda compartilham de algumas propriedades das línguas *pro-drop*:

- (12) Jan/li toujou ap travay fò [crioulo haitiano]
(Jan/he always PROG work hard)
- (13) Jan/m pokò ap rakonte yon istwa
(Jan/I PROG not.yet tell a story)
- (14) M fout rayi sa
(I fucking hate this)
- (15) *Txiga Djon [crioulo cabo verdiano]
(Chegou João)
- (16) *Dja kai abion di Lisboa
(Caiu o avião de Lisboa)

Segundo o trabalho de Nicolis (2008), a única correlação absoluta a ser feita é a de que a existência de expletivos nulos é o que permite a ausência do efeito *that-t*. No entanto, há de se salientar que muitas dessas línguas possuem, dentro de um mesmo sistema, expletivos nulos e realizados foneticamente. Isso não seria exatamente um contra-

argumento visto que línguas não crioulas (como o finlandês e o galego) possuem expletivos nulos e plenos podendo ocorrer na formação de sentenças.

A existência de expletivos seria uma condição necessária para que o sistema seja insensível ao efeito do traço do complementizador pois, segundo Nicolis, o sujeito seria extraído de uma posição interna ao vP e o EPP poderia ser satisfeito pelo *pro*_{expl}. Abaixo temos alguns exemplos de expletivos em línguas crioulas e sentenças em que não se observa o efeito do traço do complementizador:

(17) Li difisil pou pale ak Jan [crioulo haitiano]
(It is difficult to speak with John)

(18) *pro* (Tawata) parse ku Maria ta(wata) malo [Papiamentu]
(It seems/seemed that Mary is/was ill)

(19) (Li) rete/manke Jan yon liv [crioulo haitiano]
((It) lacks a book to Jan a book)

(20) Kenke ki bu pen sama bem? [crioulo cabo verdiano]
(Quem que você acha que vem?)

(21) A wa yu wonda ef Jan tiif? [crioulo jamaicano]
(O que você acha que Jan roubou?)

(22) Kinsela to pãse ki fer sa? [crioulo mauriciano]
(Quem você acha que fez isso?)

Múltiplas marcações do parâmetro do sujeito

Finalmente, dentro das discussões mais recentes a respeito do parâmetro do sujeito, é possível classificar as línguas que admitem sujeitos nulos (ou seja, que apresentam, em algum grau, o estatuto *pro-drop*) em quatro grandes grupos. Holmberg e Roberts (2009) em um grande projeto conduzido com a análise de línguas indo-europeias, mas também somando mais línguas muito distintas, ampliaram o que Chomsky (1982) levantava a respeito da existência de sistemas mistos e

propõem uma espécie de “espectro” de possibilidades de marcações do parâmetro do sujeito nulo:

- Línguas canonicamente *pro-drop*: como o italiano, o grego e o turco, nas quais há uma morfologia verbal rica o suficiente para possibilitar a ampla ocorrência de sujeitos nulos em todas as pessoas gramaticais e em contextos variados;
- Línguas parcialmente *pro-drop*: como o hebraico, russo, finlandês e português brasileiro, nas quais os sujeitos sem referência definida tendem a ser nulos, mas há fortes restrições à ocorrência de sujeitos nulos referenciais;
- Línguas radicalmente *pro-drop*: línguas que permitem sujeitos nulos livremente e não apresentam qualquer tipo de marca verbo-flexional indicativa de concordância, como o chinês, japonês, tailandês e vietnamita;
- Línguas de expletivos nulos: são as línguas nas quais não há a possibilidade de sujeitos nulos referenciais, mas permitem expletivos nulos, tais como o alemão, holandês e o crioulo do Cabo Verde.

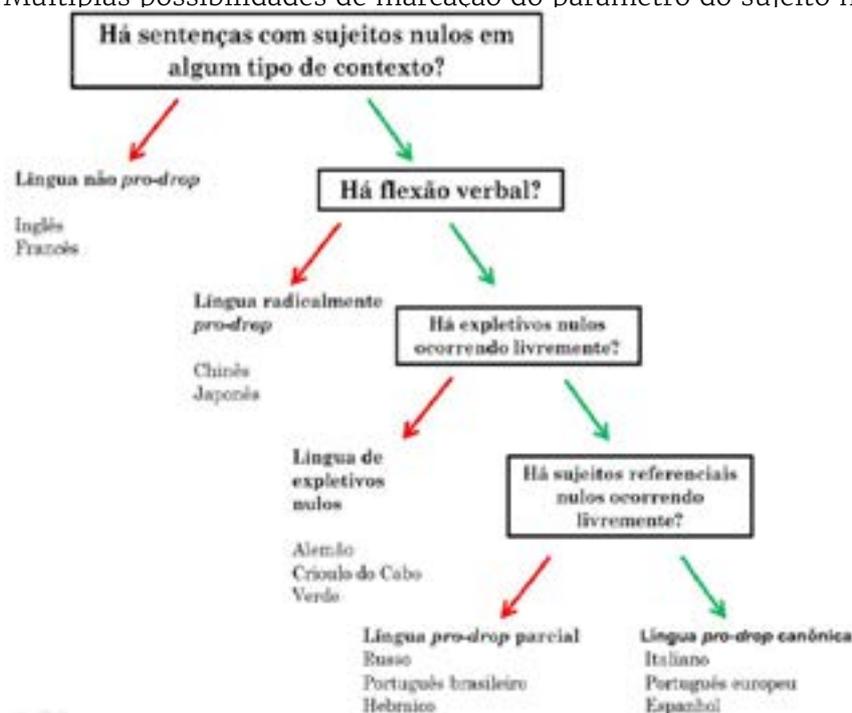
Essa classificação para as línguas de sujeito nulo surgiu como forma de abarcar toda uma ampla variedade de combinações possíveis do feixe de características que são compreendidas como sendo consequências da marcação do parâmetro do sujeito. Desta forma, foi possível agrupar as línguas em categorias mais específicas, visto que algumas línguas exibem, por exemplo, a ausência do efeito *that-trace*, mas não permitem sujeitos nulos referenciais (como as línguas crioulas estudadas em NICOLIS, 2008), enquanto outras só permitem a inversão do sujeito em contextos restritos, como é o caso do PB que parece permitir inversão somente com verbos monoargumentais (KATO, 2000).

A existência de um estatuto *pro-drop* parcial de algumas línguas naturais tem sido endossada a partir de diversos estudos com línguas genealogicamente distantes do PB, como o finlandês e o hebraico (GUTMAN, 2004; MELNIK, 2007), o islandês (SIGURÐSSON & EGERLAND, 2009), o russo (HOFHERR, 2006) e o marathi (HOLMBERG *et al.*, 2009). Mesmo sendo de famílias ou subgrupos distintos entre si, todas essas línguas exibem uma assimetria no licenciamento de sujeitos nulos entre a 1^a/2^a e a 3^a pessoas gramaticais, bem como algum nível de sincretismo de traços- ϕ .

Esse estatuto de “parcialmente *pro-drop*” não chega a ser tão distante da definição proposta por Nicolis (2008) com as línguas crioulas e, no caso do português brasileiro, é de bastante validade visto que o PB pode não ser exatamente um “sistema agonizante” (DUARTE, 1995, p. 141) caminhando rumo ao lado não *pro-drop* do espectro, pois há formas inovadoras de sujeito nulos arbitrários que línguas como o francês, por exemplo, nunca apresentaram ao longo do período heterogêno no qual sujeitos nulos e plenos conviviam (voltarei ao tema na próxima seção). Ainda que o assunto seja polêmico e conclusões muito categóricas possam beirar a especulação, não se pode negar que as semelhanças da sintaxe do sujeito do PB com o finlandês (e divergências em relação ao PE) são gratas surpresas que saltam aos olhos de quem trabalha com uma teoria “universal” como a teoria gerativa.

Tendo como base as ideias de Holmberg e Roberts (2009) descritas acima, ilustro as possibilidades de marcação do parâmetro do sujeito com o seguinte esquema abaixo. É interessante perceber que, apesar de haver múltiplas possibilidades para a marcação paramétrica, ainda podemos sustentar uma ideia “hierárquica” de binariedade na qual, no momento da aquisição, a criança reconheceria passo a passo as características da expressão do sujeito na sua língua-alvo. Sendo assim, proponho o esquema abaixo em que as setas da esquerda, ao contrário daquelas da direita, indicam uma resposta negativa para a pergunta contida nos retângulos:

Figura 1 - Múltiplas possibilidades de marcação do parâmetro do sujeito nulo



Mais recentemente, Roberts (2016) reuniu as características fundamentais que estariam envolvidas no parâmetro *pro-drop*, já trazendo inclusive toda a bagagem teórica advinda das investigações mais recentes realizadas a respeito do “espectro” de possibilidades de marcação *pro-drop* visto acima. Segundo Roberts, às principais propriedades envolvidas no parâmetro do sujeito nulo foram acrescentadas mais três e que teriam impacto especial quando se admite a possibilidade de sistemas mistos, como parece ser o caso do português brasileiro. As três “novas” características atribuídas às línguas *pro-drop* são:

- Morfologia verbal rica, com pessoas gramaticais bem delimitadas morfológicamente:

(23) Bevo, bevi, beve, beviamo, bevete, bevono [Italiano]

(24) Bebo, bebas, bebat, bebamus, bebatis, bebant [Latim]

(25) Pino, pinis, pini, pinume, pinete, pinun [Grego]

- Sujeitos arbitrários de terceira pessoa exigem algum tipo de marcação:

(26) Qui non **si** può fumare [Italiano]

(27) Aqui não **se** pode fumar [PE]

(28) Aqui no **es** pot fumar [Catalão]

- Pronomes sujeitos na sintaxe aberta com interpretações diferentes dos sujeitos nulos:

(29) LUI parla italiano, non lei! [Italiano]

(30) ELE fala italiano, não ela! [PE]

(31) ÉL habla italiano, non ella! [Espanhol]

Dentre essas características, vale ressaltar alguns pontos. Os sujeitos nulos de referência arbitrária em sentenças finitas necessitam de uma marcação especial que, nas línguas românicas, é a partícula **se** (ou suas variações) como se vê nos exemplos (26)–(28). Sujeitos nulos arbitrários com o verbo na terceira pessoal do singular é uma característica que também aparece fora das línguas românicas e parece ser uma das grandes “inovações” na noção de parâmetro do sujeito quando se admite um sistema misto de marcação paramétrica.

Além disso, a forma como o falante interpreta os sujeitos pronominais parece ser distinta entre as línguas *pro-drop* e as demais do espectro. Nas línguas *pro-drop*, a interpretação é contrastiva ou

distintiva, sendo que nas demais, o pronome na sintaxe aberta é permitido em contextos neutros.

Tendo em vista essas propriedades ligadas às línguas canonicamente *pro-drop*, Roberts (2016) aponta, em contrapartida, as características que estariam associadas especificamente às línguas parcialmente *pro-drop*, por exemplo:

- Morfologia verbal exibindo algum nível de sincretismo entre as formas verbais:

(32) Bebo, bebe, bebemos, bebem² [PB]

(33) Drekk, drekkur, drekkum, drekkið, drekka³ [Islandês]

- Sujeitos nulos de terceira pessoa podem ter uma leitura indefinida/arbitrária:

(34) Sempre Ø passa o álcool antes de abrir a garrafa [PB]

(35) Í þessari fjölskyldu má Ø bara ekki drekka áfengi [Islandês]
(Nessa família não Ø pode beber álcool)

(36) Sinne ei Ø muuta vapaehtoisesti⁴ [Finlandês]
(Ø não mexe voluntariamente)

- Sujeitos geralmente apresentam restrições à inversão da ordem SV:

(37) Apareceu um estudante agora há pouco [PB/PE]

(38) Bebeu o café o Pedro⁵ [*PB/PE]

² Considerei como sendo o paradigma verbal do português brasileiro o que linguistas como Lucchesi (2004) e Costa e Figueiredo Silva (2006), entre outros têm admitido como sendo as flexões verbais disponíveis na fala dos brasileiros mais escolarizados, ou seja, um paradigma verbal com quatro morfemas distintos, uma vez que as segundas pessoas do singular e plural compartilham dos mesmos morfemas com as respectivas terceiras pessoas.

³ Tendo como base Anderson (1990), nota-se que os verbos em islandês possuem um sincretismo entre a segunda e terceira pessoas do singular no presente do indicativo, e em alguns outros tempos verbais. Logo, no exemplo citado, a forma verbal *drekkur* pode ser usada tanto pelo pronome de segunda pessoa þú quanto pelo de terceira hann.

⁴ Os exemplos em islandês e finlandês foram retirados de Sigurðsson e Egerland (2009) e Holmberg (2009), respectivamente.

⁵ Exemplos como em (38) são possíveis em PB se o Pedro for entendido como uma espécie de “tópico-lembrete” em que o pronome ele pode aparecer opcionalmente na posição de sujeito. Logo, é aceitável em PB uma sentença como (Ele) bebeu o café, o Pedro. As restrições quanto à inversão do sujeito no PB – basicamente relacionadas à valência verbal – são explicitadas em Kato (2000).

- Sujeitos pronominais na sintaxe aberta têm uma leitura neutra:

(39) Eu vou comer no restaurante universitário

(40) Você sabe que você pode fazer o que você quiser

O Parâmetro *pro-drop* e o PB

As diferenças e semelhanças da sintaxe do sujeito nas variedades europeia e brasileira do português já foram amplamente estudadas. Os primeiros estudos tendiam a considerar que o português brasileiro estava em uma espécie de transição para um estágio não *pro-drop*, uma vez que, mesmo deixando de ter preferência pelo sujeito nulo referencial, essa variedade ainda não apresenta restrições tão categóricas ao licenciamento de sujeito nulo observadas em línguas como o inglês. Duarte (1995), por exemplo, defende a hipótese de que o sistema “segue uma luta em direção ao sujeito pleno” (p.152) e cita o exemplo do francês medieval, que conviveu por 150 anos com um sistema “defectivo” de sujeitos nulos até o parâmetro se fixar como não *pro-drop*. Barbosa *et al.* (2005) afirmam que estaríamos diante do que tem se chamado de *competição de gramáticas*, e tudo indicaria que novas gerações de falantes do PB se aproximariam cada vez mais de um padrão de expressão do sujeito mais compatível com o do francês, por exemplo.

Tem ganhado força, como já citado anteriormente, a ideia de que o português brasileiro é uma língua *pro-drop* parcial (HOLMBERG, NAYUDU & SHEEHAN, 2009, entre outros), que pode ser entendido como sendo um estágio consolidado entre os vários possíveis na tipologia das línguas *pro-drop*, como visto acima a partir do esquema na figura 1.

É importante citar o trabalho realizado por Galves (1985) – uma década antes dos trabalhos “clássicos” a respeito do sujeito no PB – no qual a autora já levantava hipóteses a respeito de uma nova configuração de sujeitos nulos nesta variedade do português, e não de uma perda dessa propriedade pelo sistema linguístico. A partir de contrastes como o observado nos exemplos mostrados a seguir, Galves aponta que o verbo na terceira pessoa não seria mais suficiente para a interpretação definida ao sujeito nulo, tornando-se cada vez mais obrigatória a realização de um pronome ou sintagma nominal – ou mesmo um tópico – na posição de sujeito como em (41a), do contrário a referência se torna indefinida como pode ser visto no contraste em (41b):

(41)	PB	PE
(a)	ela/ele usa saia	ø usa saia
(b)	ø usa saia	ela/ele usa saia

Contrastes como o ilustrado acima são bons argumentos para sustentar a ideia das múltiplas marcações possíveis do parâmetro do sujeito e, mais que isso, da possibilidade de haver um sistema *pro-drop* “parcial” sem que esse seja necessariamente um estágio de transição para uma configuração não *pro-drop* visto que, Galves (em comunicação pessoal) afirma que sujeitos nulos como essa forma inovadora do PB não podem ser atestados diacronicamente em uma língua como o francês. Logo, é bastante razoável pensar que o período em que o francês medieval conviveu com um sistema que permitia sujeitos nulos e plenos não era da mesma natureza que o sistema misto do PB atual como defendido por Duarte (1995).

Considerações finais

Longe de querer esgotar a ampla discussão a respeito do parâmetro do sujeito na teoria gerativa bem como do estatuto do mesmo no PB, essa revisão pretendeu fazer um apanhado geral de obras de referência no que diz respeito ao parâmetro e também demonstrou o quanto o tema ainda pode render bastante discussão.

Apesar de estudos como o de Gilligan (1987) e Newmeyer (2004) esforçarem-se, de certa forma, para diminuir a importância dos parâmetros dentro do quadro da teoria gerativa, não se pode negar que foi justamente após a inserção dessa noção de parâmetros que a teoria gerativa deu um salto qualitativo no seu poder explanatório.

As investigações gerativistas a respeito da sintaxe do sujeito em sistemas “mistos” ainda poderão ser reveladoras sobre o funcionamento e acomodações dos mecanismos sintáticos nas línguas naturais. Estudos em línguas que tiveram o seu equilíbrio “perturbado” a partir do contato com outras e sofreram processos de mudança também serão essenciais nos futuros desdobramentos da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Em uma teoria linguística que se pretende ser “universalista”, o lugar no qual residem a variação e a mudança certamente gerará pontos de tensão e o debate sempre será mais produtivo que o simples abandono da própria ideia original de se pensar uma arquitetura da linguagem a partir do inatismo e das relações abstratas (e paramétricas) desse sistema.

Referências

ANDERSON, S. R. The Grammar of Icelandic Verbs in -st in Modern Icelandic Syntax. **Syntax and semantics**, v. 24, p. 235-273, 1990.

BARBOSA, P.; KATO, M.; DUARTE, E. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, p. 11-52, 2005.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**: the Pisa Lectures. Foris Publication, 1981.

_____. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. v. 6, MIT Press, 1982.

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. **Estudos Linguísticos**, p. 95-109, 2006.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

GALVES, C. A sintaxe do português brasileiro. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, v. 7, n. 13, p. 33-52, 1985.

GILLIGAN, G. M. **A cross-linguistic approach to the pro-drop parameter**. Tese de Doutorado. University of Southern California, 1987.

GUTMAN, E. Third person null subjects in Hebrew, Finnish and Rumanian: an accessibility-theoretic account. **Journal of Linguistics**, v. 40, n. 03, p. 463-490, 2004.

HOFHERR, P. C. “Arbitrary” ‘pro and the theory of pro-drop. In: ACKEMA, P. et al. **Arguments and agreement**. Oxford University Press, p. 230-258, 2006.

HOLMBERG, A. The null generic subject pronoun in Finnish: a case of incorporation in T. In: BIBERAUER, T. et al. **Parametric variation**: Null subjects in minimalist theory. Cambridge University Press, 2009.

HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T. et al. **Parametric variation**: Null subjects in minimalist theory. Cambridge University Press, 2009.

HOLMBERG, A; NAYUDU, A; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009.

KATO, M. **The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese**. Romania Nova. Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/romanianova/artigos/Mary28setembro.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

LUCCHESI, D. Contato entre línguas e variação paramétrica: o sujeito nulo no português afro-brasileiro. **Lingua(gem)**, p. 63-92, 2004.

MELNIK, N. Extending partial pro-drop in Modern Hebrew: A comprehensive analysis. In: MÜLLER, S. (ed): **Proceedings of the 14th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar**, Stanford Department of Linguistics and CSLI Publications, p. 173-193, Stanford, 2007.

NEWMAYER, F. J. Against a parameter-setting approach to typological variation. **Linguistic Variation Yearbook**, v. 4, n. 1, p. 181-234, 2004.

NICOLIS, M. The null subject parameter and correlating properties. In: BIBERAUER T. (ed). **The limits of syntactic variation**, John Benjamin Publishing, v. 132, p. 271-294, 2008.

RIZZI, L. **Issues in Italian syntax**. Foris Publications, Dordrecht, 1982.

ROBERTS, I. **Null arguments and Arbitrary pronouns**. Conferência proferida no Workshop de Pronomes: sintaxe, semântica e programação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 29 jan. 2016.

SIGURÐSSON, H. Á; EGERLAND, V. Impersonal null subjects in Icelandic and elsewhere. **Studia Linguistica**, v. 63, n. 1, p. 158-185, 2009.

Recebido em: 06 de fev. de 2017.

Aceito em: 24 de ago. de 2017.